

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: AS TIPOLOGIAS RESIDENCIAIS NA PRODUÇÃO ECLÉTICA DE ARACAJU/SE

Camila Rodrigues dos Santos¹

Edivaldo Paula Cavalcante Tavares²

Rogério Freire Graça³

Arquitetura e



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O Eclétismo engloba todo o contexto fragmentário dos estilos revivalistas, que definem a produção arquitetônica do século XIX. Paralelamente, ocorre o processo de gênese urbana de Aracaju e por esse motivo, grande parte da história da cidade foi edificada segundo os preceitos do estilo eclético. Entretanto, a produção eclética aracajuana vem sendo negligenciada, pela falta de registro e proteção, por isso vem sendo perdida, na memória da cidade, pelo mercado imobiliário desenfreado. Portanto, o objetivo geral, do presente estudo, consiste em analisar a produção residencial eclética de Aracaju, a fim de compreender as configurações destas tipologias e dos desdobramentos do estilo na cidade. A metodologia utilizada para tal foi, a priori, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e documental, para a conceituação do estilo desde o contexto europeu, passando pelos desdobramentos no Brasil, até chegar nas configurações da capital sergipana. A posteriori, foi realizada uma pesquisa de campo, que originou um inventário com 60 exemplares catalogados, a partir do qual, foram tecidas as análises que originaram o presente estudo.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio. Eclétismo. Arquitetura Residencial.

ABSTRACT

The eclectic architecture encompass the fragmentary context of the revival styles, on the nineteenth century. Meanwhile, the urban genesis of Aracaju takes form, and for that reason, much of the city history was built on the eclectic precepts. However, these historical buildings have been being neglected, because of the lack of record and patrimonial protection, and that is why it have been disappearing on the collective memory, through the act of the real estate market. Therefore, the main goal of this article is to analyze the residential eclectic architecture of Aracaju, in order to comprehend the morphology of these building and development of the style on the city. The methodology used for the purpose was at first developed through a bibliographic and documental research to understand the development of the style since the beginning, on the European context, passing by the growth in the Brazilian scenario, and at last, getting into the local history. Afterwards, the fieldwork developed an inventory that recorded 60 building, which were the basis for the analyses written down on this paper.

KEYWORDS

Historical Buildings. Eclecticism. Residential Architecture.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo surge como produto do projeto de pesquisa intitulado “Patrimônio e memória: inventário da arquitetura eclética de Aracaju”, cujo principal propósito consiste em catalogar os exemplares arquitetônicos ecléticos, edificados em Aracaju.

O Ecletismo define uma gama de estilos arquitetônicos revivalistas, que entram em voga na segunda metade do século XIX na Europa, em um contexto marcado pela consolidação do poder industrial. Fundamentado por um pensamento desenvolvimentista e progressista, ultrapassa as barreiras estilísticas e decorativas do objeto arquitetônico e empreende uma verdadeira revolução, não só nos aspectos socioculturais da sociedade, mas também nos aspectos físico-ambientais da cidade. No caráter urbano, dotou as cidades com equipamentos de saneamento básico e salubridade urbana e promoveu inovações nas tipologias arquitetônicas, como consequência das novas exigências de uma classe burguesa em ascensão.

O estilo eclético apresentou grande importância no processo de desenvolvimento de Aracaju, visto que carregava a essência de modernidade que a jovem cidade necessitava para estabelecer-se como a nova potência econômica e política do estado. Dessa forma, o passado histórico de Aracaju está intrinsecamente correlacionado com a produção eclética, marcando hoje pontos monumentais na paisagem urbana, que

representam referenciais na memória coletiva da sociedade como um todo. Por essa razão, os processos de salvaguarda do patrimônio arquitetônico, dentre eles o registro por catalogação, são importantes como forma de preservar a história e fortalecer, não só os laços culturais, como também própria identidade de uma sociedade.

O interesse pelo tema foi despertado durante a 15ª Semana Nacional dos Museus, a qual discutiu sobre o descaso que a produção eclética aracajuana vem passando, pela falta de registro e proteção, em específico os exemplares residenciais, que devido ao caráter "efêmero" estão mais suscetíveis às demolições. Assim, o objetivo geral do presente estudo consiste em analisar a produção residencial eclética de Aracaju, a fim de compreender as configurações destas tipologias na cidade.

A metodologia abordada parte, a princípio, de uma revisão bibliográfica e pesquisa documental, posteriormente de uma pesquisa de campo. Em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica embasa não só as discussões sobre as definições do estilo, mas também compreende o contexto sociocultural no qual se desenvolve.

Assim, a articulação das seções segue um fluxo que estuda desde a origem, no contexto europeu, passando pelos desdobramentos do estilo no Brasil, até chegar nas configurações da produção eclética em Aracaju. Em um segundo, a pesquisa de campo desenvolve o registro dos objetos arquitetônicos, que foram necessários a investigação e análise das tipologias arquitetônicas presentes na produção residencial eclética em Aracaju.

Como base para a catalogação, foi delimitado um recorte espacial, que engloba os exemplares edificados em um polígono, cujas extremidades são Av. Simeão Sobral a ao norte, Av. Ivo do Prado a leste, Av. Augusto Maynard ao sul e Av. Pedro Calazans a oeste. O estudo das características arquitetônicas teve a fachada como principal elemento de análise, que permitiu a leitura espacial e volumétrica da forma e figura do objeto arquitetônico. Durante as pesquisas de campo não foram realizadas visitas internas às edificações, todas as conclusões foram tecidas a partir de constatações feitas por meio da percepção de um observador, localizado no logradouro público.

2 GÊNESE DA ARQUITETURA ECLÉTICA NO CONTEXTO EUROPEU

Até o século XVIII, o cenário urbano é caracterizado por estilos arquitetônicos distintos, que influenciam o panorama edilício por longos períodos, porém o século XIX marca uma ruptura nesse paradigma. Os adventos da revolução industrial, aliados ao desenvolvimento dos estudos arqueológicos, criam as bases para profusão de uma onda de estilos revivalistas, que influenciam simultaneamente a produção arquitetônica, criando um contexto fragmentário e, às vezes, até divergentes.

Nesse contexto, as nações europeias estão imbuídas pela criação de um patriotismo perante a sociedade e por isso, os estilos revivalistas ganham espaço porque almejam reviver a arquitetura antiga, como forma de retomar a grandiosidade e glória vividas pelas nações do passado e criar um estilo puramente nacional (PATETTA, 1987).

Entre 1830 e 1850, a Europa entra em debate sobre qual estilo deveria ser adotado a partir de então: o Clássico ou Gótico. Porém, a decisão tomada extrapolava

essas duas opções e ditava que a produção arquitetônica, a partir de então, deveria marcar uma síntese de tudo que já havia sido feito anteriormente. Assim, todos os estilos do passado seriam tomados como referência, desde os de influência clássica greco-romana, até as civilizações antigas, mencionando as produções egípcia e mesopotâmica. De acordo com Benevolo (1989), o ecletismo define uma revisão sobre tudo que já existia, dando uma nova roupagem a partir da reinterpretação.

A definição de ecletismo defendida por Calos Lemos (1987) também engloba as produções no estilo *Art Nouveau* e Neocolonial, que surgem na segunda metade do século XIX e a partir das primeiras décadas do século XX respectivamente. Em contrapartida, a definição proposta por Yves Bruand (1991) não corrobora com essa premissa porque considera que o *Art Nouveau* e o Neocolonial não representam referências nítidas ou cópias aos estilos predecessores e dessa forma não seriam englobados sob a produção eclética.

De acordo com Patetta (1987), a arquitetura eclética se ramifica em três diferentes princípios ideológicos: a composição estilística, o historicismo tipológico e os pastiches compositivos. A composição estilística é caracterizada pelas mimeses das formas e estilos arquitetônicos do passado. O historicismo tipológico, caracteriza a escolha do estilo antigo que se encaixa melhor a finalidade que desenvolveria a nova edificação, por exemplo, o uso da Idade Média para as edificações religiosas, o Renascimento para os edifícios públicos, o Barroco para os equipamentos de lazer. Por fim, os pastiches compositivos caracterizam as soluções estilísticas que beiram o mal gosto.

Entretanto o estilo não agradou a todos e por muito tempo foi sinônimo de mau gosto e cópia, pelos críticos (BENEVOLO, 1989). Verifica-se um descaso que o movimento eclético passou, principalmente pela desvalorização por parte dos arquitetos modernistas e pouco a pouco foi sendo destruída pela ação da especulação imobiliária.

Carlos Lemos (1987) ainda ressalta que a definição de ecletismo não se restringe a uma visão material e pragmática do objeto arquitetônico, mas entende o estilo como a manifestação do ímpeto estado de espírito do homem do século XIX, relacionada a liberdade de expressão e aliada aos adventos da tecnologia. O autor discorre sobre esse contexto como sendo uma fase de experimentação, na qual, cada edifício passa a ter uma identidade personalista dentro do contexto urbano.

Essa liberdade e experimentação impulsiona e viabiliza a adequação dos edifícios aos novos programas, que agora estão submetidos as necessidades de uma classe burguesa em ascensão, influenciada pela consolidação do poder industrial. Foi essa nova classe que exige as novas condições de salubridade e saneamento urbano, como demanda a evolução das tipologias arquitetônicas de acordo com os usos específicos.

Na dimensão territorial, trouxe grandes mudanças no conceito de modernidade para ambiente urbano. De acordo com Patetta (1987) tal como as edificações, as cidades precisavam passar por transformações que não só possibilitassem a implantação do novo estilo arquitetônico, mas também a adaptação do tecido urbano às novas exigências da era industrial, frente ao processo de crescimento populacional das cidades. Com o avanço da ciência, desenvolveu-se o estudo e despertou-se para a preocupação acerca das questões sanitárias. Eram as ações reformistas, que pretendiam acabar com males urbanos e sanar epidemias (BENEVOLO, 1989).

Tais ações higienistas e as novas adaptações urbanas são grandes representações das mudanças ocorridas nesse período da história europeia e como reflexo, esses pensamentos acabaram chegando ao Brasil no século XIX, transformando a arquitetura brasileira.

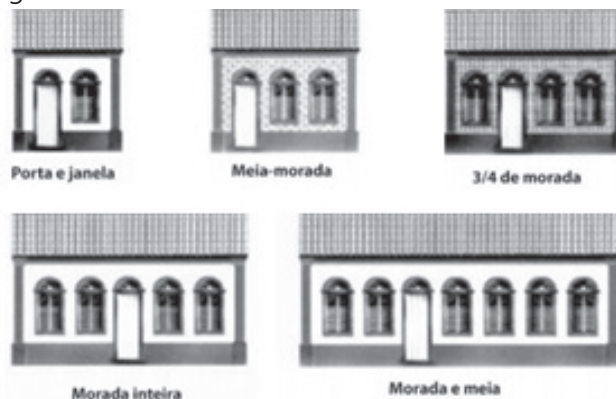
3 ECLETISMO NO BRASIL

Até meados do séc. XVIII, o panorama urbano brasileiro ainda estava sendo fortemente influenciado pelos paradigmas da arquitetura colonial. As tipologias arquitetônicas rudimentares, aliado ao contexto sociocultural colonial criam um quadro de vida insalubre que, posteriormente, intervirá pelos adventos da arquitetura eclética na segunda metade do séc. XIX. Assim, a análise do contexto histórico social e das configurações do Brasil Colônia é importante para a compreensão de como esse panorama criou um solo fértil para o posterior florescimento do Ecletismo no século XIX. Além disso, a compreensão acerca das tipologias coloniais representa uma base comparativa com as novas tipologias arquitetônicas, introduzidas pelo estilo eclético.

3.1 OS VELHOS HÁBITOS DA ARQUITETURA COLONIAL

De acordo com Reis Filho (2004), a arquitetura colonial residencial, edificada no contexto urbano, ramifica-se em duas tipologias, a casa térrea e os sobrados. As casas térreas, mais comum entre as classes mais humildes, são subdivididas em categorias de acordo com a relação das esquadrias e quantidade de janelas na composição da fachada, assim poderiam existir casas porta de janela, meia morada, $\frac{3}{4}$ de morada, morada inteira e morada e meia (IMAGEM 1).

Imagem 1 – Tipologias de sobrado



Fonte: Junior (2015), adaptado pelos autores.

Quanto maior a quantidade de janelas na fachada, mais abastada a família era, porque indicavam tipologias mais amplas e complexas. Já os sobrados, destinada as

classes mais abastadas, representavam as edificações com dois ou mais pavimentos, normalmente desenvolviam uso misto, com o térreo destinado ao comércio e o pavimento superior a residência da família (REIS FILHO, 2004).

Internamente, esses sobrados eram, de maneira geral, constituídos de uma sala de recepção na entrada ou algum comércio, os quartos – ou alcovas, como também eram chamados – eram acessados por meio de um mesmo corredor lateral, que chegava até a cozinha com acesso ao quintal e ao buraco no quintal, chamado tipicamente de casinha, onde eram feitas as necessidades higiênicas. Nos sobrados de famílias mais ricas, havia algumas vezes um porão (LEMOS, 1996).

Por não haver recuos, essas moradias eram insalubres, sem entrada de ventilação e nem iluminação. Além disso, as instalações sanitárias a céu aberto e a falta de saneamento também prejudicavam a saúde dos moradores (LEMOS, 1996).

Os métodos construtivos utilizados eram o pau a pique, a taipa de pilão, a taipa de sebe e o adobe. Porém, estas técnicas apresentam uma rudimentariedade devido à falta de especialização da mão de obra escrava, principal fonte da construção civil até então e pela falta de materiais, que não poderiam ser fabricados no Brasil e somente importados de Portugal, devido ao Pacto Colonial.

Por essas razões, as tipologias residenciais urbanas pouco se distinguiram entre as classes sociais, porque as residências mais abastadas eram edificadas com as mesmas técnicas construtivas que as mais humildes. A ostentação das edificações mais suntuosas era expressa no gabarito de altura e na composição decorativa dos beirais, que poderiam ter cachorros entalhados, guarnecidos com eira, beira e tribeira, ou então arrematados por telhas de faiança (REIS FILHO, 2004).

O séc. XIX inicia e herda as características dos modelos urbanos coloniais, mas introduz novos modelos de implantação, que surgem com decorrência da inserção do Brasil no mundo pela abertura dos portos. A presença da Missão Artística Francesa e a integração do país no mercado mundial despertam um incipiente abandono dos velhos hábitos coloniais, porque fomentam a difusão da arquitetura neoclássica, trazem novos equipamentos que desenvolvem as técnicas e as possibilidades construtivas das edificações (REIS FILHO, 2004).

Nas grandes cidades começam a surgir as ruas calçadas, os passeios públicos e os primeiros jardins residenciais. Porém essas transformações ainda são bem discretas e se adaptam as mesmas condições do período colonial, o estilo neoclássico é implantado no Brasil enquanto uma roupagem para os edifícios, que persistiam com os métodos de construção e implantação coloniais, porque apesar dos avanços essa sociedade ainda é favorecida pela mão de obra escrava (REIS FILHO, 2004).

3.2 RUMO AOS NOVOS ARES DA ARQUITETURA ECLÉTICA

Com a proclamação da república em 1889, o Brasil vivia a modernidade política no eixo das elites que governavam o país. Com essa nova mentalidade, era exigida uma modernização também das cidades e construções, que já não se adequavam ao

estilo neoclássico ou de antecessores a este. Assim, o Eclétismo chega como alternativa atualizada da arquitetura e urbanismo, seguindo instruções higienistas e novas tecnologias e materiais construtivos, tornando-se o símbolo da nova forma de poder, a República (BORGES, 2013).

O Eclétismo chega ao Brasil por meio dos imigrantes estrangeiros, muitas vezes italianos e franceses vindos com a intenção de emprego, principalmente após a abolição da escravatura, que fez o Brasil necessitar de mãos de obra. Esses imigrantes trouxeram seus conhecimentos de construção e arte e foram implantando-os no território brasileiro, ignorando as nossas tradições locais (LEMOS, 1996).

Quando o Eclétismo começa a se popularizar na Europa os arquitetos, recém-formados na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, ainda aprendiam sobre o Neoclássico, já ultrapassado na Europa. Apenas quando esses profissionais de fora chegam ao Rio de Janeiro é que os brasileiros começam a aprender as técnicas europeias (LEMOS, 1996). Porém, inicialmente a produção brasileira se concentra muito em copiar projetos ecléticos de fora, como corrobora Yves Bruand (1991, p. 38):

Não se deve pensar que essa arquitetura italiana foi imposta de modo arbitrário a um meio tradicional brasileiro que não estava preparado para recebê-lo. Pelo contrário, não houve qualquer resistência local. O italianismo estava na moda; predominou também no Rio de Janeiro entre 1860 e 1900, e a aristocracia dos plantadores de café adotou-o com entusiasmo.

Até então, a taipa era a técnica construtiva mais utilizada no Brasil, pelo fácil acesso a matéria prima. Os alemães, os quais muitos trabalharam de pedreiro, trouxeram o tijolo como nova técnica construtiva. Entretanto, quem popularizou o material foram os italianos, construindo as primeiras casas operárias. Os primeiros brasileiros a testarem o método foram os nobres, mais dispostos a conhecer novas tecnologias (LEMOS, 1996).

Nas residências burguesas ecléticas, os cômodos ganham identidade própria e ganham pinturas decorativas específicas. As pinturas dos quartos eram normalmente de temas florais; nas salas, natureza morta ou paisagens; nos gabinetes, fazendo alusão a caça e armas, temas másculos. Os tetos das salas, usava-se muito referências ao rococó, como folhagens e medalhões (SÁ, 2002).

Privacidade e conforto passam a ser principais características para os ambientes mais pessoais e familiares. Assim, os banheiros passam a ser reservados e nasce o vestíbulo, que permitem a separação de zonas sem o cruzamento entre elas (SÁ, 2002). A exigência de recuos possibilitou o surgimento de novas tipologias de planta baixa, com maior jogo volumétrico. Lemos (1996, p. 45) fala que,

A Revolução industrial clareou tudo, as casas passaram a ser iluminadas, com muita luz do sol. E, à noite, a luz ampla passou

a ser garantida por modernos lampiões de mecha circular, a novidade que envolvia queimadores garantidores de uma maior oxigenação da chama [...]. A verdade é que a luz abriu as salas de jantar, as varandas às visitas – jantares “sociais” tornando-se moda a partir daí.

Na setorização de planta baixa, além dos jogos volumétricos, surge a necessidade de dividir a casa em zonas – social, serviço e íntimo – em que os fluxos não se cruzassem. Essa organização virou moda e depois da nobreza, a classe média também aderiu (LEMOS, 1996).

Todas essas características citadas acima podem ser vistas no Palacete Martins Catharino, projeto do arquiteto Baptista Rossi em 1912, a mando de Bernardo Martins Catharino para ser sua residência. Atualmente funciona o Palacete das Artes (PUPPI, 2010)

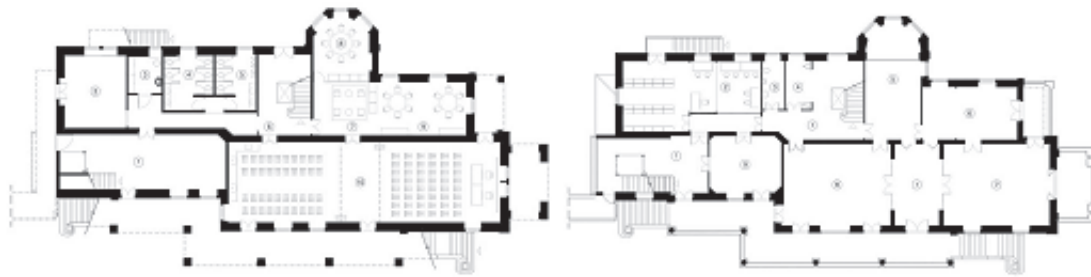
A Imagem 2 mostra características da residência, como o porão habitável, escada lateral que se liga a área social da casa, com pilotis de alvenaria. Também tem colunas coríntias, balcões de alvenaria tipo colonata e pináculos esferoidais nas pontas, frontal em arco abatido e um mirante. Toda essa mescla de elementos e ordens, são características do Ecletismo.

Imagem 2 – Fachada do palacete Martins Catharino



Fonte: Menezes, 2017.

Na Imagem 3, pode-se observar a divisão dos ambientes no térreo e primeiro andar da residência. O térreo é um porão habitável, com divisas que remetem ao setor de serviço. Já o primeiro andar é a entrada de acesso a área social, dando diretamente a uma varanda lateral e a um vestíbulo, que se conecta a outros ambientes. No comprimento da casa também há outros corredores que funcionam de maneira a evitar cruzar os cômodos íntimos internamente.

Imagem 3 – Térreo (esquerda) e primeiro pavimento (direita)

Fonte: Bahia Rodin Museum (2019).

Além do recuo, que influenciou o uso de corredores laterais nas residências, outros elementos arquitetônicos passaram a ser obrigatório por lei, como o porão gradeado, com a finalidade de trazer ventilação para o interior das edificações. O assoalho já não encostado no chão com a mesma função (LEMOS, 1996).

Com a chegada da energia elétrica e, conseqüentemente, dos aparelhos eletrodomésticos, mudam-se os hábitos da família brasileira. Com a luz, a hora de repousar passa a ser mais tarde, pois agora é possível ter lazer individual ou em grupo. Assim, as salas e varandas – espaços sociais – passam a ser usadas por mais tempo na rotina caseira. Esses ambientes agora possuem também novos tapetes, vasos e relógios, papéis de parede decorativos e novas cores de tinta. O ferro é bem-vindo nos gradis de janelas e guarda corpos. Na área de serviço, espaço reservado aos empregados, a única mudança relevante foi a chegada do ferro de passar (LEMOS, 1996).

O estilo Eclético introduz uma nova tipologia habitacional urbana, o *Chalet* (IMAGEM 4). Como habitação, evoca dois aspectos relacionados ao pitoresco e a industrialização.

Imagem 4 – Vila Carmem, em Aracaju

Fonte: Autores (2019).

Acredita-se que essa tipologia surge a partir dos modelos das habitações rurais da Europa, porém de acordo com Del Brenna (1987) é bem mais provável que se asseme-

lhem mais às construções edificadas nas cidades de Chicago ao Pacífico, nos Estados Unidos, construídas segundo as técnicas de construção *ballon-frame* – dessa forma entra em voga, carregando uma imagem estilizada, de uma tipologia residencial que remete ao exótico, representando os hábitos e costumes de outros povos. Além disso, faz alusão a modernidade relacionada a industrialização, visto que introduz na arquitetura os materiais construtivos e decorativos pré-fabricados produzidos em série.

4 ARACAJU COMO CAPITAL MODERNA

Em 17 de Março de 1855 é sancionada a Resolução nº 413, pelo então presidente Joaquim Inácio Barbosa, que transfere a capital administrativa de São Cristóvão, para povoado de Santo Antônio de Aracaju, que passaria a ser denominado Aracajú. Nesse contexto histórico o país está vivendo um momento de transformações político econômicas e com esse impulso é tomada a decisão de transferência da capital, que aqueceria as atividades portuárias do estado, pela proximidade que o povoado tinha com o rio e o mar. Dessa forma, a formação do núcleo urbano de Aracaju é calcada no desenvolvimento econômico e agrícola do estado, incentivando e aquecendo o comércio (NUNES, 2005).

A partir das obras de drenagem e aterro, começa a ser implantado o famoso “tabuleiro de xadrez” que compõe o desenho urbano inicial da cidade, concebido pelo engenheiro Sebastião Basílio Pirro, o qual traça 32 quarteirões quadrados de 55 braços, separados por vias de 60 palmos, inseridos em polígono macrocomposto por um quadrado de 540 braços. Aracaju representa a 3ª capital projetada do Brasil e segue os preceitos da cidade progressista vigente a época, marcada por traços ortogonais bem definidos, clareza e ordem na composição dos traçados viários (NUNES, 2005).

A construção dos edifícios na época era regulada por um código postura que ditava regras rígidas acerca das características edilícias a serem incorporadas aos edifícios. Nesse ponto, verifica que o próprio Estado apresenta posição atuante no processo de segregação social porque induz a criação de uma cidade “formal” e uma “informal”. A cidade “formal” é caracterizada pelas edificações circunscritas dentro do polígono de Pirro, habitadas pelas classes mais abastadas que tinham as devidas condições de construir as residências segundo o código de postura.

A cidade “informal” se desenvolve fora das delimitações do polígono, no Morro do Bonfim e no morro que posteriormente se tornam a Colina do Santo Antônio, que representam espaços muito afastados e abandonados onde a população das classes mais baixas residia (BARBOZA, 1992).

A gênese urbana de Aracaju – 1855 a 1905 – é marcada pela implantação vagarosa das edificações, os problemas no fornecimento de água e a proliferação de graves epidemias, como a de cólera. Essas adversidades acabaram criando condições inóspitas para os primeiros moradores e uma má reputação para a jovem capital, tanto é que o governo provincial adotou bonificações aos servidores públicos como forma de incentivar o adensamento da cidade (CHAVES, 2004).

Aracaju, superando todo o processo de instabilidades, com um tecido urbano mais consolidado, adentra em um segundo período, compreendido entre 1905 e 1930, marcado pela afirmação do poder político, administrativo e econômico do Estado, que representa o período de maior produção, repercussão e edificação dos edifícios Ecléticos. Nessa fase, destacam-se o início do tratamento de água pela companhia de saneamento, o início das atividades industriais municipais, a implantação da energia elétrica, da ferrovia e dos bondes à tração animal. Foi nesse período a Missão Artística Italiana atua na cidade, promovendo a repaginação e construção de diversos edifícios o que representou grandes intervenções de caráter embelezador na cidade (CHAVES, 2004).

A modernização chegou a Aracaju com o fornecimento de água por meio da “Empreza Melhoramentos de Sergipe” em 1908. De serviço particular, torna-se do Estado em 1912. Em 1909, surge o serviço de transporte público, feito por bondes de burro, sendo substituído em 1926 por bondes elétricos. A luz elétrica, esgoto e rede telefônica chegam em 1913, 1914 e 1916, respectivamente (BARBOZA, 1992).

O embelezamento da cidade também é intensificado nessa fase, com ajardinamento, reformas em prédios públicos e calçamento de vias. As ruas eram de pedras calcárias, com casas estreitas tipo “porta e janela”. Com as mudanças, em 1923 tudo estava transformado, casas com dois pavimentos e platibanda, vias pavimentadas (BARBOZA, 1992). A praça Fausto Cardoso foi um dos exemplos de reforma urbana, sendo reformada pelo italiano Hugo Bozzi, no início do século, com calçamento em paralelepípedo, balaustradas em alvenaria, além de modificar o portal da Ponte do Imperador (PORTO, 2011).

O início do século XX é o período que marca o processo de transição do estilo Neoclássico para o Eclético, que chega na capital sergipana como um sinônimo de modernidade. Até então a produção arquitetônica baseava-se nos preceitos neoclássicos, que pregavam a utilização de fachadas chapadas, com influência dos elementos clássicos greco-romanos, apresentando uma composição simétrica e rítmica.

A arquitetura eclética introduz na capital uma série de inovações que vão desde a escala urbana a arquitetônica. Como já foi dito anteriormente, no veio urbano o estilo trouxe consigo a implantação dos equipamentos públicos e obras de saneamento básico, mas para além disso, intervém no processo de parcelamento do solo com a alteração da morfologia dos loteamentos, que dota o lote características necessário a implantação dos recuos nas edificações (BARBOZA, 1992).

O auge da produção Eclética em Aracaju ocorre entre 1910 a 1926, este período é regido pela administração de José Joaquim Pereira Lobo (1918-1922) e Mauricio Graccho Cardoso (1922-1926). Em 1920 acontece o centenário da emancipação de Sergipe, que estimulou uma série de reformas pela capital, dessa forma, estes dois governos são conhecidos na história pelo caráter progressista e desenvolvimentista (PALÁCIO MUSEU OLÍMPIO CAMPOS, on-line).

No veio edilício, trouxe as inovações referentes a salubridade da edificação, que inicia com a diferenciação das tipologias de planta baixa que a partir de então adequam um programa de necessidades físico-espacial específico de acordo com os

usos da edificação. Em seguida traz os já mencionados recuos que abrem espaço no terreno, onde comumente são implantados jardins, para que todos os cômodos da edificação recebam ventilação e iluminação natural.

Ainda nas inovações referentes a planta baixa, traz a utilização do porão habitável, apresenta uma composição espacial que permite um jogo de volumes na fachada e cria uma tipologia residencial urbana, os chalés. Em relação as características estilísticas dos elementos arquitetônico, emprega a utilização de platibandas vazadas encimadas nas habitações e telhado de duas águas nos chalés. O estilo também é rico em elementos decorativos.

De acordo com Naide Barboza (1992), na capital sergipana esta nova arquitetura chega de maneira simples e com menos enfeites, em relação ao que estava sendo construído nas grandes capitais brasileiras. Na segunda década do século começam a surgir as novas construções e reformas nos prédios existentes por meio das intervenções da Missão Artística Italiana que chega na cidade na primeira década do século XX e promove grandes obras na cidade de caráter embelezador.

No seu processo de transformação é importante a visita da equipe de artistas italianos, que veio da Bahia a convite do governo do Estado para realizar obras no Palácio do Governo. A equipe formada por Belando Belandi, arquiteto e escultor; Orestes Cercelli, arquiteto e pintor; Bruno Cercelli, pintor; Orestes Gatti, escultor, fundidor e pintor; e Fiori fundidor, é responsável pela mudança estilística desse prédio. Adota-se aqui, portanto, o gosto pelo ecletismo, expressão de arte seguinte ao neoclassicismo que no Brasil começa a vigorar a partir do início deste século. (BARBOZA, 1992, p. 52).

Por meio de uma análise em diferentes edificações da cidade, é possível identificar características pontuais do estilo em Aracaju. Algumas são claramente influência do que estava sendo feito em outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, outras, são personificações da própria população e profissionais da cidade. Como disse Porto (2011, p. 28), "O adorno, o ornato, a mistura de estilos eram predominantes, procurando evitar que ficassem espaços livres nas paredes, dando lugar ao que se chamou de 'arquitetura delirante'". Tendo em vista essas observações, foram divididos os exemplares ecléticos de Aracaju em edifícios governamentais, educacionais e habitacionais, analisados a seguir.

4.1 AS TIPOLOGIAS RESIDENCIAIS NA PRODUÇÃO ECLÉTICA DE ARACAJU

Em Aracaju, o estilo expressou-se por meio de uma variedade de tipologias, partindo de um princípio básico: a utilização de recuos laterais. Como já foi discutido, essa característica faz com que todos os ambientes apresentem aberturas e esquadrias, permitindo assim, a circulação de ventilação e a entrada de iluminação natural, além disso, faz com que haja

um jogo de volumes na fachada. Uma outra característica importante, muito comum, é a utilização de porões, tanto o alto como o habitável, que eleva o pavimento térreo, em relação ao nível do passeio, dotando o edifício com maior suntuosidade e monumentalidade.

A partir dessas duas características principais básicas, as tipologias se desenvolvem em diferentes segmentos e como forma de racionar a compreensão desta produção, foram subdivididas em categorias (TABELA 1).

Tabela 1

Código	Descrição	Qtd
T01	Volumetria com um canto negativo	20
T02	Volumetria retangular com dois cantos negativos	07
T03	Edificações retangulares, com fachada chapada	08
T04	Edificações simples, edificadas sem porão alto	22
CHA	Tipologias no estilo Chale	03
Total		60

Fonte: Autores (2019).

Vale lembrar que as produções *Art Nouveau* e Neocolonial não foram englobadas nesta pesquisa, de acordo com a teoria desenvolvida por Yves Bruand (1991) que exclui esses estilos do campo do Eclétismo. Alguns exemplares apresentam decorações *Art Nouveau* que foram empregados em edifícios com tipologias arquitetônicas ecléticas, nesse caso foram admitidas porque a expressão do Eclétismo sobressalta o *Art Nouveau*. No total foram registrados 60 exemplares dentro do polígono proposto (IMAGEM 5), segmentado em 5 subgrupos diferentes e agrupados de acordo com características volumétricas e estilísticas.

Imagem 5 – Mapeamento dos exemplares residenciais



Fonte: Autores (2019).

O subgrupo *T01* representa as edificações com volumetria retangular com canto negativo (IMAGEM 6), feita de forma a trazer um jogo de volumes e movimento a fachada. Normalmente, o volume negativo abre espaço a uma varanda, por onde é realizado o acesso principal da edificação. A partir dessa característica global, os

exemplares apresentam diversas outras características singulares, que acabam os diferenciando, como por exemplo o uso de canto chanfrados, no caso de lotes de esquina, ou então o uso de uma profusão de composições decorativas.

Imagem 6 – Residência de esquina da rua Itabaiana com a rua Senador Rollemberg



Fonte: Autores (2019).

Em seguida o subgrupo *T02* (IMAGEM 7) engloba os exemplares mais suntuosos das tipologias residenciais e representa uma evolução do anterior com dois cantos negativos, que formam dois dentes na volumetria, trazendo um maior jogo de volumes e sensação de movimentação à fachada.

A principal característica, que se repete com frequência nesses dois primeiros subgrupos, corresponde a composição da fachada, que é disposta assimetricamente, comumente, apresentando uma porção principal com uma ênfase maior, caracterizado apresentar um par de janelas, envolto elementos decorativos mais rebuscados que no restante da edificação e encimados por uma platibanda em arco.

Imagem 7 – Residência Rollemberg, atual OAB Sergipe



Fonte: Autores (2019).

O subgrupo *T03* (IMAGEM 8) apresenta as residências com volumetria retangular, o que faz com que a fachada seja composta simetricamente, de forma chapada, sem jogo de volumes e movimento.

Imagem 8 – Residência na av. Barão de Maruim



Fonte: Autores (2019).

Em seguida, o *T04* (IMAGEM 9) engloba as edificações que não apresentam recuos laterais. Essa característica indica duas hipóteses, a primeira que se trata de edificações pré-existentes, atualizadas ao estilo eclético na época. O fato de que grande parte desses exemplares estarem concentrados no núcleo urbano inicial, no centro, corrobora com essa ideia. Ou então, a segunda seria que estas edificações foram construídas em lotes estreitos, que não permitiam a utilização dos recuos laterais, mas que, mesmo assim, apresentam as características estilísticas e decorativas do movimento.

Imagem 9 – Residência na rua João pessoa



Fonte: Autores (2019).

Por fim, o subgrupo *CHA* – já exemplificado pela Vila Carmen (IMAGEM 4) representa os exemplares com as características edilícias dos chalés, que representam uma influência das residências rurais europeias, trazendo um ar de bucólico e exótico a paisagem urbana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As edificações residenciais representam o grupo, em estado de alerta, com maior quantidade de edifícios em estado crítico de preservação. As residências apresentam um caráter mais “efêmero”, se comparado as edificações institucionais, ou seja, conseguem capturar com maior rapidez as novas tendências das inovações estilísticas, que estão em voga a época, mas ao mesmo tempo são mais suscetíveis as demolições.

Tanto é que alguns registros apresentam exemplares de residências ecléticas, que infelizmente com o passar dos anos foram sendo demolidas, abrindo espaço aos estacionamentos e as demais exigências do mercado imobiliário, como por exemplo, o polêmico caso da antiga Residência Dr. Augusto Leite (IMAGEM 10), atual Caixa Econômica da Av. Barão de Maruim.

Imagem 10 – Residência Dr. Augusto Leite



Fonte: Sergipe em fotos (2013).

Tratar sobre a questão de preservação e conservação também envolve um outro aspecto relacionado a administração e manutenção do edifício, aspecto que demanda não só uma consciência e cuidado por parte do proprietário, mas também um relativo poder econômico, visto que as intervenções de manutenção demandam um certo custo. Então, é mais provável que um proprietário privado não consiga manter os níveis de preservação da edificação, tanto é que os principais exemplares residenciais, que persistiram ao tempo, são coordenados por instituições públicas, como é o caso da residência Rollemberg, atual OAB Sergipe; a residência Dr. Leonardo Leite, atual sede do IPHAN; a residência Nicola Mandarino, atual sede da Cúria Metropolitana.

REFERÊNCIAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU. Capítulo IV– aspectos do patrimônio histórico e cultural. *In: Plano diretor de desenvolvimento de Aracaju*. Aracaju:

- Prefeitura de Aracaju, 2015. Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/userfiles/plano-diretor-vpreliminar-jul2015/CAPITULO-IV-PATIMONIO-HISTORICO-E-CULTURAL.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- BAHIA RODIN MUSEUM / Brasil Arquitetura" [Museu Rodin Bahia / Brasil Arquitetura]. **ArchDaily**, 8 feb. 2019. ISSN 0719-8884. Disponível em: <https://www.archdaily.com/910512/bahia-rodin-museum-brasil-arquitetura/>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: Centro Histórico de Aracaju 1900-1940**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.
- BARRETO, Luiz Antônio. Singularidades de Aracaju. In: Governo do Estado de Sergipe (Coord.). **Aracaju e seus monumentos: sesquicentenário da capital 1855-2005**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura; Gráfica e Editora Triunfo Ltda., 2005.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Estrangeiros em Aracaju II**. Aracaju, 4 abr. 2006. Disponível em: http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=52&titulo=Estrangeiros_Sergipe. Acesso em: 31 mar. 2019.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: PERSPECTIVA, 1989.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CHAVES, Rubens Sabino Ribeiro. **Aracaju: para onde você vai?** Aracaju. Edição do autor. 2004
- DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX). In: FABRIS, Annateresa (Coord.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987
- GUIMARÃES, Anna. **Mercado municipal de Aracaju, as histórias por trás das bancas**. Aracaju, 2016. Disponível em: <https://mercadodearacaju.wordpress.com/2016/11/23/mercado-municipal-de-aracaju-as-historias-por-tras-das-bancas/>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- JUNIOR, Magno Vasconcelos Pereira. **Tipologias das casas históricas de São Luís**. Barcelona, 2015. 1 desenho.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café**. 2.ed ver., ampl. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo: 1989
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (Coord.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Ramos de Azevedo e o seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993. 165p.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

MENEZES, Lazaro. **Fachada do Museu Rodin Bahia (Palacete das Artes Rodin Bahia)**. [S. l.]: Jornal Grande Bahia, 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/10/salvador-palacete-das-artes-divulga-agenda-cultural/palacete-das-artes-fotos/>. Acesso em: 6 fev. 2020.

NUNES, Maria Thetis. Os 150 anos de Aracaju capital. In: Governo do Estado de Sergipe (Coord.). **Aracaju e seus monumentos: sesquicentenário da capital 1855-2005**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura; Gráfica e Editora Triunfo Ltda., 2005.

PALÁCIO MUSEU OLÍMPIO CAMPOS. **A República em Sergipe – (1889 até os dias de hoje)**. Aracaju. Disponível em: <https://www.palacioolimpiocampos.se.gov.br/site/governadores.jsp?pag=3>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o **Ecletismo na Europa**. In: FABRIS, Annateresa (Coord.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987

PORTO, Fernando de Figueiredo. Alguns nomes antigos do Aracaju. Aracaju: J. Andrade, 2011.

PUPPI, Suely de Oliveira Figueirêdo. Profissionais Italianos na Salvador Eclética. **Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República**, Rio de Janeiro, 2010. II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX, 2010, Rio de Janeiro.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 211p. ISBN 852730113X. Coleção Debates.

SÁ, Marcos Moraes de. **A mansão Figner: o ecletismo e a casa burguesa no início do século XX**. Rio de Janeiro: SENAC, 2002

SERGIPE EM FOTOS. **Antiga residência do Dr. Augusto Leite, em Aracaju**. [S. l.], 2 jul. 2013. Disponível em: <http://sergipeemfotos.blogspot.com/2013/07/antiga-residencia-do-dr-augusto-leite.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Data do recebimento: 26 de novembro de 2019

Data da avaliação: 05 de dezembro de 2019

Data de aceite: 05 de dezembro de 2019

1 Acadêmica em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes – UNIT.

E-mail: mila_rsantos@hotmail.com

2 Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes – UNIT.

E-mail: edivaldocavalcante.14@gmail.com

3 Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT (2012); Especialista em Arte e Educação pela Faculdade São Luis de França (2007); Acadêmico em História pela Universidade Federal de Sergipe – UFS(1998); Professor universitário da Universidade Tiradentes, dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design de Interiores, Design de Moda, Design Gráfico, Gastronomia e História; Membro do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Cultura e Identidade (PPED/NEPH/UNIT), da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e da Associação Sergipana de Imprensa; Atua na área com os seguintes temas: História Antiga, História Medieval, História do Brasil, História de Sergipe, História da Arte, História da Arquitetura, História do mobiliário, História da Moda, História da Gastronomia, Patrimônio Histórico, Arquivologia, Museologia, Genealogia, Cultura, memória e Educação feminina. E-mail: fg.1973@yahoo.com.br

